

Cartas de pedido de conselho: da descrição de uma prática de linguagem a um objeto de ensino

(Advice letters: from language practice to didactic activity)

Vera Lúcia Lopes CRISTOVÃO
Adja Balbino de Amorim Barbieri DURÃO
Elvira Lopes NASCIMENTO
Simone Aparecida Malvar dos SANTOS
Universidade Estadual de Londrina¹

ABSTRACT: Our paper is based on some conceptions of the social-discursive interactionism, defending the construction of didactic models of text genre in order to provide teachers of foreign languages and our mother tongue with tools to produce and/or adapt didactic activities. They may enable the evaluation and adequacy of contents and language capacities which may be developed by students. Such construction demands an analysis of the teaching context, synthesis of the literature on the genre being described and an analyses of corpora of the text genre. This paper presents the description of the didactic model of advice letters in English.

¹ Cristovão, Durão e Nascimento são docentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL e Santos graduou-se em Letras Anglo-Portuguesas na UEL em 2002.

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

RESUMO: Nosso trabalho apóia-se nas concepções didáticas do interacionismo sócio-discursivo, defendendo a construção de modelos didáticos de gêneros para fornecer aos professores de LE e de LM subsídios para elaborarem e/ou adaptarem atividades didáticas demonstrando, assim, que eles possibilitam avaliar a pertinência dos conteúdos e as capacidades de linguagem que podem ser desenvolvidas pelos alunos. Para a construção do modelo didático de gênero são necessárias uma análise do contexto de ensino e das capacidades de linguagem dos alunos, uma revisão dos conhecimentos dos experts e uma análise de um corpus de textos daquele gênero. Este trabalho apresenta em seus resultados a descrição do modelo didático do gênero carta de pedido de conselho.

KEY-WORDS: text genre, foreign language and mother tongue.

PALAVRAS-CHAVE: gênero textual, língua estrangeira e língua materna.

INTRODUÇÃO

Os projetos pedagógicos recentes, especialmente os que se baseiam nas orientações dos PCN de língua estrangeira (LE) e língua portuguesa (LP), têm proposto gêneros textuais como objetos de ensino. Ao observar essa tendência, decidimos apresentar neste artigo uma análise do gênero textual *carta de pedido de conselho*, presente em alguns materiais didáticos e recorrente nos temas de interesse de adolescentes (com faixa

etária de alunos) do Ensino Fundamental e Médio. Para atingir esse objetivo, organizamos este artigo em quatro partes: 1) embasamento teórico e conceituação de gênero textual/discursivo; 2) apresentação da metodologia utilizada para análise de gêneros textuais; 3) descrição da análise do gênero *carta de pedido de conselho*; e 4) proposta de um modelo didático.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Gêneros textuais

Ao longo de toda a história da humanidade desenvolveram-se diferentes atividades sociais, nas quais foram produzidos tipos diversos de textos a elas adequados. Esses variados tipos de textos identificam o que Bakhtin (1979/1992) chama de gêneros do discurso, ‘tipos relativamente estáveis de enunciados’, caracterizados por um conteúdo temático, um estilo (estruturação lingüística) e uma construção composicional (organização textual e relação entre locutor e interlocutor). A esse conjunto de gêneros podemos chamar de intertexto, que teoricamente se constitui por um número de gêneros infinito, já que a atividade humana, em tese, é também bastante variada.

Para Bakhtin (*op.cit.*), os gêneros do discurso se tornam os modelos padrões da construção de um todo verbal, qualquer que seja o domínio da cultura humana: da ciência, da arte ou da vida cotidiana. Nesse sentido, os gêneros vão sendo construídos no interior de cada um desses domínios, nas circunstâncias de comunicação verbal espontânea da vida cotidiana se constituem os “gêneros primários” e nas circunstâncias de comunicação cultural mais complexas e evoluídas se constituem

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

os “gêneros secundários”. Os gêneros primários compreendem os tipos de diálogo (orais ou escritos) das reuniões sociais, familiares, cotidianas, funcionando como que por reflexo ou automatismo. Os gêneros secundários (o romance, a tese acadêmica, o artigo opinativo, a petição judiciária, etc.) são aqueles que absorvem e transmutam os gêneros primários e, para a sua produção, necessitam de capacidades de linguagem mais potentes.

Bakhtin salienta que a natureza do enunciado deve ser estudada para que fique clara a formação histórica dos gêneros, a inter-relação entre os gêneros primários e os secundários e a *correlação entre língua, ideologia e visões de mundo*. Desconsiderar essa natureza seria como abstrair a língua de seu contexto de produção. Na ótica de uma psicologia interacionista isso significaria “considerar as ações humanas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas” (Bronckart, 1997, p.31), o que pressupõe uma ação de linguagem imputável a um agente, materializando-se em uma entidade empírica que é o texto singular. O autor ilumina o pensamento bakhtiniano quando se refere ao processo de semiotização em funcionamento na ação de linguagem que leva o agente a recorrer aos seus conhecimentos sobre o contexto que lhe permitam mobilizar conhecimentos sobre o referente, a língua, os gêneros de textos em uso e a sua adequação ao contexto de interação.

Entendemos, então, que conhecer um gênero de texto é conhecer suas condições de uso, sua adequação ao contexto social e as possibilidades de materialização que requerem operações de contextualização e de textualização que levam o agente produtor a tomar decisões em relação à estrutura e ao estilo composicional do texto. Nessa perspectiva, o gênero é um instrumento socialmente elaborado que media uma atividade, ao mesmo tempo que a materializa – instrumento mediador

que precisa ser apropriado pelo sujeito para que seja eficaz. Essa apropriação exige por parte do professor o ensino deliberado de gêneros textuais. Essa implicação de um enunciado com os demais enunciados envolve uma relação com os enunciados que o precedem e com aqueles que o sucedem. Sua elaboração, assim, é guiada para ir ao encontro de uma reação, de uma resposta. Entretanto, muitos ainda consideram que o interlocutor é um receptor passivo, que não interfere na mensagem, deixando de lado todo o processo de construção de significado e de negociação de sentido na relação dialógica entre locutor e interlocutor. Dessa forma, “o papel ativo do outro no processo da comunicação verbal fica minimizado ao extremo” (Bakhtin, op.cit., p.292). Ao contrário, segundo o autor, a composição dos gêneros é determinada em função do destinatário. “É sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona *todos* os recursos lingüísticos de que necessita” (Bakhtin, op.cit., p.326).

A importância que Bakhtin (op.cit., p.301-302) dá aos gêneros na interação e, portanto, à necessidade de seu aprendizado fica clara, quando o autor afirma que:

As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros de discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente e sem que sua estreita relação seja rompida. Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados.

Em um ato de comunicação verbal, reconhecemos, identificamos e usamos o gênero mais adequado a cada situação. Com esse saber construído, distinguimos, logo no início de uma troca verbal, o gênero utilizado, seu tema, sua estrutura composicional e, assim, a comunicação verbal se concretiza. Se assim não fosse, teríamos que criar um gênero a cada ato de fala, o

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

que inviabilizaria a comunicação.

Diferentes autores têm seguido as premissas básicas do pensamento bakhtiniano, apontando para a necessidade do estudo dos gêneros na escola. Dentre eles, podemos citar, entre outros, Bronckart (1997/1999), Schneuwly (1994), Dolz & Schneuwly (1996 e 1998), Rojo (2000), Machado (2000), Marcuschi (2002).

Queremos ressaltar aqui que, embora alguns desses pesquisadores defendam a utilização da expressão ‘gênero de discurso’, como sendo a mais fiel ao pensamento bakhtiniano, nossa opção pela expressão *gêneros textuais* como sinônimo de gênero de discurso se apóia fundamentalmente em Bronckart (1997/1999), assim como em Dolz & Schneuwly (1996, p.75), como podemos observar em sua afirmação “[...] gêneros de textos, maneira de formar os textos impostos no curso da história, textos compostos geralmente de segmentos de discursos e que, para os usuários da língua, constituem-se como modelos e instrumentos necessários para suas atividades de escrita e leitura”², que é nitidamente de cunho bakhtiniano.

Dessa forma, o estudo de gêneros textuais na escola como objetos de ensino-aprendizagem pode, como defendido por esses autores, criar condições para a construção dos conhecimentos lingüístico-discursivos necessários para as práticas de linguagem em sala de aula. Sob o mesmo ponto de vista, Rojo (2000) sustenta que “(...) os **gêneros discursivos** ou **textuais** são tomados como **objetos de ensino** nos PCN e

² “... genres de textes, manière de former des textes imposée au cours de l’histoire, textes composés généralement de segments de discours différents et qui, pour les usagers de la langue, constituent les modèles et les outils nécessaires pour leurs activités de lecture e d’écriture.”

são, portanto, responsáveis pela seleção dos **textos** a serem trabalhados como **unidades de ensino**” (grifos da autora).

É de se salientar, ainda, que esses gêneros não podem ser considerados como sendo estáticos dado que vão sendo adaptados às situações sócio-comunicativas, pois ao realizar uma ação de linguagem, o agente confronta suas próprias representações da situação vivida com as representações já cristalizadas por formações sociais outras.

Ora, se a definição de *texto* como dada por Bronckart (op.cit., p.77) é a de que texto

[...] designa uma unidade concreta de produção de linguagem, que pertence necessariamente a um gênero, composta por vários tipos de discurso, e que também apresenta os traços das decisões tomadas pelo produtor individual em função da sua situação de comunicação particular[...],

não se pode, numa visão interacionista sócio-discursiva, separar texto de contexto.

A definição de gênero dada por esse mesmo autor também reforça a estreita inter-relação do texto com o contexto.

[...] na noção de gênero de texto no decorrer deste século e, mais particularmente a partir de Bakhtin, essa noção tem sido progressivamente aplicada ao conjunto das produções verbais organizadas: às formas escritas usuais (artigo científico, resumo, notícia, publicidade, etc.) e ao conjunto das formas textuais orais, ou normatizadas, ou pertencentes à “linguagem ordinária” (exposição, relato de acontecimentos vividos, conversação, etc). Disso resulta que qualquer espécie de texto pode atualmente ser designada em termos de gênero e que, portanto, todo exemplar de texto observável pode ser considerado como pertencente a um determinado gênero (Bronckart, op.cit., p.73).

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

Em síntese, articulamos aqui o que Bakhtin e Bronckart postulam sobre *gênero*, pois, na pesquisa que desenvolvemos, o gênero é tratado como uma forma de articulação das práticas de linguagem, uma vez que “é através dos gêneros que as práticas de linguagem encarnam-se nas atividades dos aprendizes” (Schneuwly & Dolz, 1999, p.6). Assim, consideramos que a compreensão e produção de textos demanda a aprendizagem de capacidades de linguagem. Estas, segundo Dolz, Pasquier & Bronckart (1993) e Dolz & Schneuwly (1998), seriam de três tipos:

- a) as capacidades de ação, isto é, o reconhecimento do gênero e de sua relação com o contexto de produção e mobilização de conteúdos;
- b) as capacidades discursivas, isto é, o reconhecimento do plano textual geral de cada gênero, os tipos de discurso e de seqüência mobilizados;
- c) as capacidades lingüístico-discursivas, isto é, o reconhecimento e a utilização do valor das unidades lingüístico-discursivas inerentes a cada gênero para a construção do significado global do texto.

As capacidades de linguagem que poderão ser desenvolvidas a partir do trabalho com os textos empíricos serão apontadas a partir da construção do modelo didático.

Reconhecemos que grande parte dos professores tem dificuldade para planejar e executar em sala de aula as práticas de uso da linguagem, posto que isso implica conteúdos enunciativos que envolvem os mais diversos aspectos. Atribuímos essas dificuldades a uma formação deficiente e às más condições de trabalho.

Esses professores têm que superar grandes obstáculos para transpor aquilo que a literatura científica lhes propõe para

a prática didática. No caso específico da “transposição didática” (Bronckart, 1999) do gênero impõem-se rupturas, adaptações e transformações do saber teórico acumulado ao longo dos anos; tal conhecimento deve ser reorganizado em torno de novos saberes para gerar uma nova abordagem. Percorrer as diversas etapas do conhecimento científico para o conhecimento a ser ensinado e, a partir daí para a efetiva prática pedagógica é um longo caminho para o qual nem sempre o professor está preparado, pois isso significa ir além das próprias limitações em relação a parâmetros claros para intervir adequadamente na produção de textos de seus alunos.

Para a elaboração de projetos de trabalho com gêneros nós, professores, precisamos lançar mão de análises e descrições que “facilitem” o trabalho a partir dos quais possamos realizar a transposição didática (Cristovão, 2001). No Brasil, estão crescendo os estudos que organizam e didatizam os saberes sobre um determinado gênero, daí a importância de uma pesquisa como a que estamos desenvolvendo, por ter como objetivo proporcionar ao professor modelos didáticos de gêneros selecionados.

Para a construção do modelo didático de gênero é necessário realizar uma consulta à literatura a fim de considerarmos os conhecimentos já disseminados por experts (profissionais da área) e especialistas (pesquisadores da área) do gênero em questão. Assim para prosseguir com a exposição de nosso trabalho, apresentaremos uma síntese desse construto teórico.

O gênero “carta de pedido de conselho”

A denominação do gênero “carta de pedido de conselho” foi adotada nesta pesquisa por ter aparecido sob essa identificação em uma das revistas pesquisadas, mas esse termo varia

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

dependendo da opção da editora da qual a revista proceda. Outras pesquisadoras classificam esse tipo de carta como *cartas-pergunta* (Pereira e Almeida, 2002).

É importante lembrar que esta seção aparece nas revistas em dois trechos: primeiramente, aparece a carta da leitora que faz uma pergunta ou solicita um conselho, a carta-pergunta; em segundo lugar, aparece a resposta da revista à pergunta da leitora, a carta-resposta. Ressaltamos que esta pesquisa gira em torno da primeira parte, ou seja, aquela que se refere ao pedido de conselho.

Na pesquisa bibliográfica sobre esse gênero detectamos uma certa escassez de publicações sobre o gênero *carta de pedido de conselho*, o que não ocorre com o gênero *carta* em geral, sobre o qual há um número elevado de trabalhos publicados.

Pereira e Almeida (op.cit.) realizaram uma pesquisa na qual focalizam a seção *texto-resposta*, investigando as relações de poder presentes na interação revista-leitor-adolescentes, os recursos persuasivos utilizados e os efeitos que podem ser previstos sobre o leitor.

Souto Maior (2001) realizou uma pesquisa no âmbito do texto restringindo-se ao gênero textual carta por esta possuir grande variedade. Seu propósito era apresentar características específicas, de acordo com os diversos contextos em que o gênero carta é usado. Em sua pesquisa, a autora teve como objetivo descrever a carta em sua variedade, estrutura e uso, adotando três critérios para suas análises: o contextual, o lingüístico e o funcional. O contextual implica os interlocutores e suas relações, situação e condição de produção, entre outros aspectos; o lingüístico remete para traços lingüísticos e textuais; e o funcional considera os objetivos do texto, intenções pretendidas e os atos de fala, entre outros propósitos.

O conjunto das cartas analisadas resultou numa classificação (Souto Maior, op.cit., p.1-2) segundo a qual as cartas receberam uma denominação de acordo com o domínio discursivo. A carta cujos domínios discursivos são *comerciais* (bancos, lojas comerciais) são denominadas ‘cartas de resposta e de comunicado’; *institucionais* (Universidades, escolas, livros) são ‘cartas de programa’, ‘circulares’, ‘respostas’ e ‘de apresentação’; *jornalísticas* (jornais, revistas, periódicos) são carta do leitor, do editor, aos leitores, aberta, propaganda, boas vindas; *jurídicas* (Fórum) são as ‘cartas de intimação’; *publicitários* (editoras, lista telefônica) são ‘cartas de convite’, ‘respostas’, ‘confirmações’, ‘de agradecimento, pedido; *religiosas* (Igrejas) são as ‘cartas de convite’ ou ‘de comunicado’; *saúde* (Clínicas) são ‘carta de programa’, ‘de comunicado’.

Souto Maior, primeiramente, define “texto” e logo depois envolve a carta nesta definição. Segundo a autora (op.cit., p.2), “o texto é visto como expressão da coletividade, pois um indivíduo o constrói para marcar um posicionamento ou expressar um pensamento em relação a um debate (de escala mais ampla) travado na sociedade, tem seus significados dependentes tanto da correlação entre as suas partes quanto do contexto no qual está inserido”. Neste sentido, cita Marcuschi (2000, p.64) que classifica a carta como um texto que envolve um contexto comunicativo, que pode ser um “fenômeno empírico global e um fato social consolidado nas práticas discursivas diárias”.

As cartas conservam alguns elementos estruturais como remetente e destinatário, mas de acordo com a finalidade do texto escrito, são agrupadas em determinadas categorias responsáveis pelas suas diferentes nomeações. Souto Maior (2001, p.11) acredita que “a carta, independente do meio por que é enviada (correio, fax ou e-mail), faz parte de uma ‘conste-

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

lação' que agrupa diversos textos". Diante da variedade de cartas analisadas, a autora (op.cit., p.11) postula que "a carta se constitui em um gênero com subgêneros", ou seja, a carta apresenta uma grande variedade de formas, por isso é necessário categorizá-las levantando as semelhanças e as diferenças existentes entre elas para que se encontre maior facilidade de produzi-las e interpretá-las.

A pesquisadora Maria (2002) escreveu um artigo com o objetivo de analisar a estrutura genérica de cartas de transmissão e memorandos em inglês e em espanhol. Com os resultados das análises, a autora pretende contribuir para a construção de um método apropriado de ensino-aprendizagem voltado para o setor industrial (potenciais usuários desses gêneros).

Lima-Lopes (1999) realizou um trabalho com o "objetivo de estudar o gênero de cartas comerciais em língua inglesa por meio da observação de seus padrões lexicais". Tal estudo levanta regularidades organizacionais, que segundo o autor, seriam elementos responsáveis pela possibilidade de reconhecimento desse gênero frente aos que dele se utilizam em situações reais de comunicação. O autor conclui que "cada gênero carrega formas lexicais e sintáticas próprias, ligadas aos conteúdos informativos de cada um deles. Além da escolha interpessoal, comum, existe uma escolha conteudística, particular" (Lima-Lopes, op.cit., p.384).

Os pesquisadores citados trabalharam com o gênero carta com diferentes objetivos, deixando perceber a importância deste gênero nas relações sociais. Esta pesquisa descreve o gênero carta de pedido de conselho adotando critérios, seguindo as propostas de Bronckart (1999), portanto as características serão apresentadas de acordo com o contexto de produção, da organização interna e do plano lingüístico-discursivo. Seguindo a classificação de Souto Maior apresentado acima, po-

demos encaixar o gênero que estamos analisando neste conjunto de cartas com domínio discursivo jornalístico (revista) denominando-a como carta-pergunta, pois, são escritas pelos leitores de um determinado tipo de revista para que possam apresentar um problema e fazer pergunta(s). Por essa especificidade, optamos por chamá-las de carta de pedido de conselho. Depois de enviadas, o editor faz algumas alterações em sua estrutura para que possam ser adaptadas ao formato da página da revista destinada a elas. Assim, todas conservam traços em comum, o que permite “categorizá-las observando semelhanças e diferenças existentes entre elas, facilitando suas produções e interpretações” (Souto Maior 2001, p.11).

Dentre os elementos caracterizadores, Lima-Lopes (op.cit., p.377) observou os padrões lexicais no âmbito do gênero cartas comerciais. Ele afirma que existe “uma relação entre os propósitos e as escolhas lexicais, as quais desempenham funções dentro do texto em que estão inseridas”. Neste aspecto, foi possível encontrar itens lexicais comuns nos assuntos recorrentes nas cartas de pedido de conselho. Por exemplo, num relato sobre problemas relacionados a conflitos familiares encontramos uma cadeia de sintagmas nominais ligados a esse tema. Descobrimos, também, formas sintáticas comuns neste gênero. Isso comprova a afirmação de Lima-Lopes (op.cit., p.394), qual seja que, “além da escolha interpessoal, comum, existe uma escolha conteduística, particular”.

Essa idéia de descrever um determinado gênero explicitando as possíveis capacidades de linguagem que podem ser desenvolvidas a partir de suas características, contribui para a construção de materiais didáticos, como aconteceu com a pesquisa de Maria (2002), que analisou a estrutura genérica de cartas de transmissão e memorandos em Inglês e Espanhol, fundamentada na proposta de Swales (1990) e Bhatia (1993),

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

ligada à delimitação de movimentos, contribuindo assim, para a construção de materiais didáticos voltados para o setor empresarial.

Partindo dos pressupostos teóricos antes mencionados, este estudo indica as capacidades de linguagem que podem ser desenvolvidas para a leitura e escrita de cartas de pedido de conselho, propondo, também, a construção de um modelo didático desse gênero e apontando alguns itens que poderiam servir como objeto de ensino, conforme será exposto a seguir.

METODOLOGIA

A seleção do gênero carta de pedido de conselho se deu em função do contexto de ensino que analisamos e das capacidades de linguagem dominadas pelos alunos deste contexto. O contexto de ensino foi o de turmas do último ano do 4º ciclo do Ensino Fundamental. A princípio, baseamo-nos nas observações de aulas do professor regente para uma identificação do perfil dos alunos e da situação de ensino, podendo levantar fatos relacionados à dimensão social destes alunos, seus interesses e conhecimentos com o intuito de nos ajudar na escolha de um tema motivador e que permitisse uma progressão no desenvolvimento de suas capacidades.

A partir das observações realizadas com a orientação de um roteiro com questões acerca das forças institucionais, sociais e econômicas que agem sobre o cotidiano da escola, do projeto pedagógico da escola, da prática docente, da aprendizagem e do material didático, pudemos deduzir que a escola em questão tem um projeto pedagógico com base em uma visão de currículo como transmissão de conteúdos ditados pelo livro didático e de ensino numa concepção de escola tradicional

– comum em nosso país, com o professor detendo o saber e regendo a interação. No ensino da língua inglesa, o livro é a parte essencial e gerencial do aprendizado. Como a professora utilizava um livro didático, decidimos manter um gênero textual apresentado – carta de pedido de conselho. A proposta do livro com os textos limita-se a explorá-los como base para a aplicação da gramática. Assim, sintetizamos no quadro 1 as características identificadas ao longo dessas observações quanto às capacidades de linguagem dos alunos.

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

Quadro 1 - Perfil do aluno em relação às capacidades de linguagem que dominam

Prática pedagógica	Domínio das capacidades de linguagem dos alunos (nível 'básico')
Capacidade de ação	<p>Os alunos são capazes de reconhecer a situação de comunicação mesmo quando o contexto de produção de textos é minimamente explorado; São capazes, também, de compreender itens lexicais de conteúdos comumente trabalhados, que se referem, por exemplo a: apresentações, cumprimentos e despedidas; procedência; profissões; nomes de parentesco; animais; cores; informações pessoais; horas; informações sobre o dia-a-dia das pessoas; atividades de rotina e de lazer; roupas; partes de uma casa e mobília; descrição física de pessoas; problemas de saúde; viagens; acontecimentos em um futuro próximo.</p>
Capacidade discursiva	<p>Os alunos têm habilidade para identificar o formato dos textos mais frequentes, tais como: diálogos, textos informativos curtos; cartas; anúncios; cartões postais; artigos curtos de revistas.</p>
Capacidade linguística discursiva	<p>Os alunos, normalmente, conhecem algumas regras da língua, já que a maioria dos livros enfatiza as estruturas gramaticais e o vocabulário (ou seja, a construção dos enunciados e a escolha lexical). Pouco se trabalha com mecanismos de textualização e enunciativos.</p>

Os alunos do 3º ciclo do Ensino Fundamental participam mais das aulas do que os alunos do 4º ciclo. Estes perguntam menos e parecem ter receio (ou desinteresse) de expor suas dúvidas à professora. Para os alunos em geral a língua inglesa é apenas mais uma matéria do currículo escolar. Como mostra o quadro 1, os alunos reconhecem uma situação de comunicação, identificam o formato de um texto e têm noções de regras gerais da língua. Não há trabalho didático voltado para a aprendizagem do funcionamento da linguagem em gêneros textuais específicos. O reconhecimento desse perfil é fundamental já que os elementos que devem ser objeto de ensino para a leitura de cartas de pedido de conselho serão eleitos em função desse perfil.

O *corpus* para este trabalho se compõe de 20 cartas selecionadas em revistas para adolescentes e em um gibi. Foram analisadas algumas cartas retiradas de revistas femininas, a *Girls' life* e a *Entertainmentteen*, edição de 2000 e de um gibi (Betty, edição de 2002) onde tal gênero aparece com frequência. Com base em alguns elementos de pesquisas já realizadas em torno do gênero carta, desenvolveu-se este trabalho no âmbito da descrição de carta de pedido de conselho – como objeto de ensino de leitura e escrita em língua inglesa, a fim de possibilitar ao aluno um instrumento a mais para agir adequadamente num processo comunicativo concreto.

Quanto à análise do corpus, são três os procedimentos a serem seguidos para a construção dos modelos didáticos de gênero:

- a) síntese do contexto de ensino e das capacidades de linguagem dominadas pelos alunos (apresentação feita na metodologia);
- b) síntese da literatura dos experts e especialistas do gênero (parte 2 da fundamentação teórica);

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

c) análise do corpus de textos do gênero e construção do modelo didático correspondente.

Para a análise do corpus, nos servimos da proposta de análise de texto de Bronckart (op.cit.). Em relação ao contexto de produção, consideramos as informações disponíveis sobre o contexto físico e social em que os textos pertencentes aos gêneros estudados se desenvolvem, além de nossas representações para quaisquer dados que não nos eram acessíveis. Assim, de acordo com Bronckart (1997/1999), levantamos:

- emissor: a pessoa física que produz o texto;
- receptor: a(s) pessoa(s) física(s) que recebe(m) o texto;
- lugar de produção do texto;
- momento de produção: o tempo concreto da produção do texto;
- enunciador: o papel social do emissor naquela situação específica;
- destinatário: o papel social do receptor naquela situação específica;
- lugar social: a formação social do lugar onde o texto é produzido;
- objetivo: o efeito que se quer produzir sobre o destinatário.

Todos os textos do *corpus* foram analisados da seguinte forma: verificamos a ocorrência das unidades lingüísticas em relação a sua frequência e passamos para a análise do ‘folhado textual’ composta de três níveis: a infra-estrutura textual, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos.

a) Análise da infra-estrutura textual

- Identificação do plano geral do texto, de acordo com Bronckart (1997/1999).
- Identificação dos tipos de discurso predominantes, por

meio do levantamento da ocorrência e da frequência das unidades que indicam as relações de implicação ou autonomia do texto, tais como os dêiticos de pessoa, de espaço e de tempo e as relações de conjunção ou disjunção.

Também calculamos a densidade verbal, ou seja, o número de verbos em relação ao número de palavras e a densidade sintagmática, número de modificadores em relação ao número de núcleos dos sintagmas nominais.

- Identificação dos tipos de seqüência predominantes e identificação da(s) fase(s) típica(s) da(s) seqüência(s).

b) Análise dos mecanismos de textualização

Os mecanismos de textualização foram analisados, identificando-se a ocorrência de unidades lingüísticas que indicam conexão, coesão nominal e coesão verbal, tal como elencados abaixo:

- mecanismos de conexão: organizadores lógico-argumentativos e organizadores temporais;
- mecanismos de coesão nominal: anáforas nominais (por substituição ou repetição) e pronominais (pronomes pessoais, relativos, possessivos, demonstrativos e reflexivos);
- mecanismos de coesão verbal: a densidade verbal (calculada pela divisão do número de verbos do texto pelo número de palavras).

c) Análise dos mecanismos enunciativos

Os mecanismos enunciativos foram analisados, verificando-se as ocorrências dos tipos de modalização com suas unidades típicas e de responsabilidade enunciativa, tal como segue:

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

- modalização: lógica, deôntica, pragmática ou apreciativa;
- responsabilidade enunciativa /ocorrência de diferentes vozes: posicionamento enunciativo.

Essa análise quantitativa de verificação dos índices de ocorrências das marcas lingüísticas nos textos antecede a análise qualitativa do funcionamento do gênero e nossa proposta.

d) Análise das escolhas lexicais:

Segundo Lima-Lopes (1999) “grande parte do léxico tem sua escolha apoiada numa função comunicativa (Ramos, 1996; Freitas, 1997) por necessidades pré-existentes, que moldam (Sinclair, 1991) a realização do evento comunicativo”. Entendemos, então, que essas escolhas lexicais nas cartas de pedido de conselho definem um campo semântico, retratando o tipo de problema que está sendo relatado. Nota-se, então, “a existência de uma relação entre os propósitos e as escolhas lexicais, as quais desempenham funções dentro do texto em que estão inseridas” (Lima-Lopes, 1999).

ANÁLISE DOS DADOS

Nosso objetivo ao analisar o gênero carta de pedido de conselho foi apontar as possíveis capacidades de linguagem que poderiam ser desenvolvidas em sala de aula de língua inglesa com textos autênticos de cartas de pedido de conselho. Para a análise do *corpus*, utilizamos tanto a proposta de análise de Bronckart (1997/1999) e as contribuições de sua equipe quanto às informações relevantes e pertinentes que selecionamos de acordo com literatura consultada. A seguir, apresentamos as categorias selecionadas para a análise dos textos.

Contexto de produção dos textos pertencentes aos gêneros analisados

O contexto de produção está relacionado ao plano da situação de ação de linguagem. Em se tratando de autores das cartas de pedido de conselho, encontram-se adolescentes ou jovens que escrevem para relatar algum tipo de problema e para pedir conselho sobre uma possível indicação de resolução. Provavelmente, o espaço social de produção dessas cartas é a própria residência de seus autores que, em seguida as enviam para um meio de veiculação que atenda a sua expectativa, ou seja, às revistas onde elas serão editadas. Geralmente, esse tipo de carta aparece em revistas direcionadas ao público adolescente ou mesmo em revistas de entretenimento que têm como assuntos recorrentes: moda, beleza, viagem, saúde, etc. Ao chegarem à revista, essas cartas passam por um processo de redução/resumo realizado pelo editor, para que possam ser publicadas em suas páginas pré-definidas. Logo, os leitores dessas cartas são pessoas especializadas no tratamento de problemas, como terapeutas, psicólogos, entre outros, e também os compradores dessas revistas. Como vimos, o objetivo dos autores é pedir conselho sobre algum tipo de problema, sendo abordados com maior frequência os conteúdos relacionados a dificuldades de relacionamento, conflitos pessoais, dúvidas sobre sexo, doenças e comportamento. O momento histórico não é revelado explicitamente, mas este pode ser calculado através da observação da data em que as cartas são publicadas nas revistas.

Este plano da situação de ação de linguagem pode ser considerado uma das características mais importantes dos gêneros, pois, orienta o aluno para a leitura adequada e crítica do texto.

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

O quadro 2 tem por meta ajudar a visualizar o contexto de produção de cartas de pedido de conselho, ilustrando, de forma analítica, os parâmetros da situação de ação de linguagem que esse gênero envolve.

Quadro 2 – Contexto de produção de cartas de pedido de conselho

Situação de produção	Carta de pedido de conselho
Autor	Adolescentes ou jovens com algum tipo de problema/questionamento
Destinatário	Pessoas especializadas (terapeutas, psicólogos...) e compradores das revistas em questão
Objetivo	Pedir conselho
Conteúdo	Exposição de problemas de relacionamento, conflitos pessoais, dúvidas sobre sexo, doenças, comportamento, etc.
Espaço social de produção	Proavelmente, a residência do autor e a sala de edição da revista
Momento histórico de produção	Data na qual a revista é editada
Meio de veiculação	Revistas de entretenimento (Moda, Beleza, Viagem, Saúde, etc)

O quadro 3 apresenta um exemplo real de uma carta de pedido de conselho retirada de uma das edições da revista *Girl's Life* e descreve seu contexto de produção, ou seja, quem a escreveu, para quem foi enviada, com que finalidade, o lugar e o momento em que foi produzida e o veículo no qual será

publicada. Estes são alguns dos itens que proporcionarão ao aluno uma certa familiaridade com o gênero.

Quadro 3 – Contexto de produção de cartas de conselho

Dear Carol, I'm miserable, and I'm not sure why. I have great parents and a little brother. I play sports, sing, have great friends, but I'm horribly miserable. My parents constantly tell me I should see a psychiatrist. Do you know what's wrong with me and why I am miserable? Miss Melancholy	Situação de produção	Carta de conselho - MISS MELANCHOLY
	Autor	Miss Melancholy
	Destinatário	Carol
	Objetivo	Pedir conselho sobre estar se sentindo infeliz sem razão aparente
	Conteúdo	Se sente infeliz apesar de ter pais, irmão e amigos legais. Também pratica esportes e canta, porém não se sente feliz
	Espaço social de produção	Provavelmente, escreveu a carta em sua residência e a enviou para a revista que achou mais adequada.
	Momento histórico de produção	Abril/maio 2000
Meio de veiculação	GIRL'S LIFE	

Análise do folhado textual

A organização interna das cartas de conselho está relacionada ao plano discursivo, de modo que é notável a presença de componentes comuns nos textos analisados. Observa-se a

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

presença de uma saudação inicial, a exposição de um problema, um pedido de conselho e por último, um pseudônimo, encontrados, quase sempre, nesta respectiva ordem. É importante ressaltar que, nem sempre estão presentes todos estes componentes além de, muitas vezes, o pedido de conselho aparecer implícito na própria exposição do problema.

Ao examinar o plano geral das cartas de conselho vimos que, seus autores podem relatar um fato que aconteceu no passado cujas conseqüências estão repercutindo no presente, ou ainda, relatar um problema que está acontecendo no momento atual. Buscam compartilhar com os leitores suas angústias objetivando uma solução. Este fato se consolida com o pedido de conselho que, normalmente aparece em frases interrogativas e quando não, como já foi dito, estão implícitas no próprio contexto. A saudação inicial é feita utilizando-se uma qualificação, às vezes de forma bem afetiva, à pessoa a qual está sendo enviada a carta. Por fim encontramos o pseudônimo, ou seja, a pessoa não se identifica e prefere usar um apelido que está totalmente ligado ao tema de sua carta. O quadro 4 apresenta um exemplo real desta organização textual, tendo como *corpus* a mesma carta analisada anteriormente.

Quadro 4 – Organização textual

Saudação inicial	Dear Carol
Problema	I'm miserable and I'm not sure why.
Pedido de conselho	Do you know what's wrong with me and why I'm miserable.
Pseudônimo	Miss Melancholy

O quadro 4 indica as partes que, geralmente, podemos encontrar em uma organização textual de carta de pedido de

conselho: no início uma saudação inicial, logo depois, a exposição do problema, em seguida, o pedido de conselho e no final um pseudônimo. O aluno encontrará nesta divisão, maior facilidade na compreensão do conteúdo destas cartas.

Nos textos analisados o tipo de discurso mais recorrente é o discurso interativo. As cartas da revista feminina veiculam as cartas prioritariamente com uso de dêiticos de pessoa e o tempo verbal no presente, caracterizando o discurso interativo. Há, como defendem Pereira e Almeida (op.cit.), uma exposição de problemas a alguém que afirma poder compreender e ajudar. A origem dos fatos apresenta, em sua vertente temporal, um caráter dêitico marcado pelas formas verbais do *simple present* para expor o problema que está acontecendo na vida do narrador e que justifica o seu pedido de conselho. Além disso, no texto encontram-se diversas unidades lingüísticas que se referem diretamente ao agente-produtor (*I, my, me*), dessa forma, o mundo discursivo criado fica claramente situável em referência aos parâmetros da situação posta em cena pelos agentes. Este uso ratifica o que Pereira e Almeida (2002, pp.247-248) já apresentaram como “uma linguagem que procura proximidade, informalidade e envolvimento com os leitores que torna mais fácil a aceitação da ideologia em questão. Essa linguagem informal funciona como um artifício persuasivo. Para estabelecer esse contato pessoal, a revista usa estratégias discursivas próprias da linguagem oral, buscando simular uma comunicação em tempo real, uma conversa.”

O relato interativo também apareceu em algumas cartas de nosso corpus. Seu uso objetiva o relato de fatos anterior a exposição do problema, isto é, o relato de fatos vividos pelo agente produtor embreado em um mundo discursivo cujas coordenadas gerais são disjuntas das coordenadas do mundo ordinário em que a ação dos parceiros – o que narra fatos da própria

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

vida e pede conselho e o que “ouve” para depois aconselhar – se realiza. Essa disjunção está marcada nos textos pela utilização do *simple past* para relatar acontecimentos passados, cujas conseqüências se refletem no momento atual, mas nesse mundo disjuncto desenvolve-se um narrar que implica os agentes e os acontecimentos e que se caracteriza pela implicação dos parâmetros físicos da ação de linguagem em curso.

Em relação à organização seqüencial, como as cartas de pedido de conselho são constituídas também pela carta-resposta, articulam-se aí segmentos explicativos e segmentos descritivos, com predominância de fragmentos de seqüência descritiva na carta de pedido de conselho. O vocativo que introduz a carta (“*Dear Carol*”) procede a uma ancoragem do tema (o estado depressivo do narrador), colocando o leitor na expectativa do que vem a seguir, seguindo-se a ela o detalhamento de atributos do estado emocional em que ele se encontra (*miserable, horribly miserable*) através de operações de aspectualização em que diversos aspectos desse tema são enumerados. Esses fragmentos de seqüência descritiva se articulam com fases da seqüência explicativa que mantêm entre si uma relação de coordenação. O autor da carta de pedido de conselho requer uma explicação, uma resposta para um problema. Poderíamos dizer que a fase da problematização está na carta-pergunta e a fase da resolução na carta-resposta.

O corpo do texto das cartas de pedido de conselho apresenta importantes itens lexicais nos assuntos recorrentes. Tais assuntos mencionados estão, geralmente, relacionados a conflito pessoal (complexo de inferioridade, preocupação com o corpo, insegurança, depressão, etc), a conflito familiar (discussões, divórcio, etc), a relacionamento (com amigos, namorado, pais, chefe, etc) e a dúvidas (sobre sexo, doenças, comportamento, etc). Desta forma, ao relatar estes problemas, os autores utili-

zam-se de adjetivos que os caracterizam, qualificam e intensificam, além do uso de uma cadeia de substantivos pertinentes ao tema, por exemplo, num relato de problema relacionado a conflito familiar encontram-se, com grande frequência, substantivos do tipo: *father, mother, aunt, sister, brother, stepmother*, entre outros. É importante ressaltar que, normalmente, as cartas são relatadas na primeira pessoa do singular, portanto, nota-se o uso freqüente do pronome *I*.

O quadro 5 oferece uma melhor visualização das principais características de cartas de conselho:

Quadro 5 – Principais características do gênero carta de pedido de conselho

Gênero	Cartas de pedido conselho
Objetivo	Expor um problema e pedir conselho
Plano textual global	As principais partes textuais são: a exposição do problema e o pedido de conselho
Tipo de discurso	Discurso interativo e relato interativo
Tipo de seqüência	Seqüência descritiva e explicativa
Coesão nominal	Anáforas pronominais
Coesão verbal	“Simple Present” para apresentar o problema e “should” para o pedir de conselho
Vozes	Adolescentes com algum tipo de problema e editor da revista
Escolha lexical	Itens lexicais relacionados aos assuntos recorrentes

As análises realizadas no corpo do texto das cartas permitiram que fossem apontadas outras unidades lingüísticas, além dos itens lexicais, que se destacaram:

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

- a) O tempo verbal no *simple present* para expor o problema atual ou mesmo para o pedido de conselho e *simple past* para relatar algo que aconteceu no passado, mas com conseqüências repercutindo no presente.
- b) A presença do modal *should* na realização do pedido de conselho.

Modelo didático de cartas de pedido de conselho e sugestões didáticas

Em consonância com o contexto de ensino observado, a análise efetuada e a descrição apresentada, dispomos nossa proposta de elementos do gênero como objetos de ensino em três planos: o plano de ação de linguagem, o plano discursivo e o plano das propriedades lingüístico-discursivas (Bronckart & Dolz, 1999).

a) Plano de ação de linguagem

Em função da inexperiência dos alunos em se explorar os contextos de produção do textos com os quais lidam em sala de aula, entendemos que é de suma importância uma proposta de explicitação das características da situação de comunicação que envolve o uso de cartas de pedido de conselho. Os itens a serem trabalhados podem ser aqueles ilustrados nos quadros 2 e 3 (autor, destinatário, objetivo, conteúdo, espaço social de produção, momento de produção e meio de veiculação).

b) Plano discursivo

Quanto à organização interna, sugerimos o estudo da composição do plano textual global, isto é, uma saudação inicial, a exposição de um problema, o pedido de conselho e o uso de um pseudônimo.

c) Plano das propriedades lingüístico-discursivas

As análises realizadas no corpo do texto das cartas permitiram que fossem apontadas como objetos de ensino as seguintes unidades lingüísticas:

- O tempo verbal no *simple present* para expor o problema atual ou mesmo para o pedido de conselho e *simple past* para relatar algo que aconteceu no passado, mas com conseqüências que repercutem no presente.
- A presença do modal *should* na realização do pedido de conselho.
- Itens lexicais que se destacaram na expressão dos tipos de problemas mais recorrentes.

A partir do modelo didático construído, as estagiárias de Prática de Ensino de Inglês elaboraram atividades que foram usadas com os alunos do último ano do 4º ciclo do Ensino Fundamental da escola descrita neste estudo. Apresentamos, a seguir, algumas das sugestões de atividades³ de cada plano supracitado.

Material Didático para leitura de Carta de Pedido de Conselho em inglês

– Plano da situação de ação da linguagem (Contexto de Produção)

Preencha o quadro a seguir de acordo com o contexto de produção da carta “Miss Melancholy” retirada da revista *Girl’s Life* (Abril/Maio 2000):

³ Atividades elaboradas pelas alunas Simone Aparecida Malvar dos Santos e Carola Lopes Braz, orientadas pela supervisora de estágio, Profa. Dra. Vera Lúcia Lopes Cristovão.

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

Dear Carol, I'm miserable, and I'm not sure why. I have great parents and a little brother. I play sports, sing, have great friends, but I'm horribly miserable. My parents constantly tell me I should see a psychiatrist. Do you know what's wrong with me and why I am miserable? Miss Melancholy	situação de produção	a.
	autor	b.
	destinatário	c.
	objetivo	d.
	conteúdo	e.
	espaço social de produção	f.
	momento histórico de produção	g.
	meio de veiculação	h.

– Plano Discursivo (Organização Textual)

A) Preencha o quadro de acordo com a organização textual da carta “Miss Melancholy”:

Saudação inicial	a.
Problema	b.
Pedido de conselho	c.
Pseudônimo	d.

B) O pseudônimo usado pelo autor de cartas de conselho deve estar relacionado ao problema exposto. Leia a carta abaixo e escolha o pseudônimo mais apropriado:

Dear Abby,

I frequently argue with my sisters because of housework.

We don't like cleaning the bathroom nor doing the dishes. What should I do?

CRISTÓVÃO, DURÃO, NASCIMENTO & SANTOS

- () Brave () Alone () Lion
 () Miss Smile () House wreck

C) Relacione a primeira coluna com a segunda, de acordo com a organização textual das cartas de conselho vistas até agora.

(1) Saudação inicial	() Should I just go on with life? Or should I tell everyone what I think?
(2) Problema	() Dear Carol
(3) Pedido de conselho	() Scared of Death
(4) Pseudônimo	() A boy I know recently died in a fire. I realize now how valuable life is.

– Plano lingüístico-discursivo

A) Vimos que, geralmente, nas cartas de conselho usamos o “Simple Present” para apresentar o problema e o “Should” para pedir conselho. Complete as lacunas da carta abaixo com os verbos adequados flexionando-os quando necessário:

to be should to call to feel to want to happen to lend Carol

Dear _____
 I _____ fat. I _____ frustrated because my friends _____ to go out with me. They _____ me fat and my sister _____ me her clothes. Every time this _____, I always _____ in the bathroom.

– Feeling Fat –

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

B) Nas cartas de conselho analisadas observamos alguns tipos de assuntos mais recorrentes. Relacione os assuntos da segunda coluna de acordo com os temas da primeira:

(A) Conflito Pessoal (B) Dúvidas sobre sexo (C) Conflito familiar
(D) Relacionamento

() I used to have a boyfriend, but he wanted to have a kissy-kissy relationship, and I didn't.

() A boy I knew recently died in a fire. I realize now how valuable life is.

() I'm afraid my mom might be gay. Ever since my parents got divorced, my brother has suspected it.

() My stepsister doesn't like the way I dress. She thinks she can boss me around.

() I get very easily frustrated.

() My stepmother doesn't like my style either. I know because sometimes she give me weird looks.

() I'm miserable and I'm not sure why.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três procedimentos foram seguidos neste estudo: um levantamento do perfil da situação de ensino que fundamentou e orientou as escolhas dos elementos que cremos que devem ser ensinados no contexto em que nos inserimos; uma consulta à literatura pertinente de diferentes áreas, tanto a produzida por especialistas nesse gênero quanto à de pesquisadores do discurso; e, análises de um corpus de cartas de pedidos de conselho, com base no modelo de Bronkard (op.cit.). Apresentamos neste artigo, portanto, uma síntese desses procedimentos.

Acreditamos que a opção por organizar o ensino em torno de gêneros textuais pode propiciar uma ação social efetiva, aproximando o professor das necessidades específicas dos alunos. Para isso, o professor pode servir-se das análises de gêneros textuais disseminados, como a apresentada neste artigo. Com base nesse modelo, professores de língua inglesa podem partir para a elaboração de conjuntos de atividades as quais os pesquisadores do grupo de didática de línguas da Universidade de Genebra denominam “seqüências didáticas” (Dolz & Schneuwly, 1998), que são um instrumental constituído por um conjunto de atividades voltadas para os objetivos estabelecidos no projeto pedagógico. Em nossa opinião, por meio do ensino das características típicas de cartas de pedidos de conselho ora descritas, o aprendiz pode ter melhores condições para lidar com a compreensão e produção de textos desse gênero de forma mais consciente, crítica e eficaz.

Os elementos selecionados como objetos de ensino foram identificados por contribuírem para o objetivo do texto. O tempo verbal e o uso de modal funcionam como recursos persuasivos que aproximam e atraem o leitor e tornam o assunto pertencente ao seu cotidiano. A apresentação de um problema é condição para a sugestão de soluções, comandos ou conselhos na carta-resposta.

Ler criticamente também é condição para que práticas de linguagem como as analisadas neste trabalho não sejam aceitas como verdades únicas ou reproduzidas como representativas de uma organização social. O ensino de linguagem em sala de aula pode e deve fazer o aluno-leitor questionar e produzir novos sentidos para os discursos que nos rodeiam, neste caso, para os textos da mídia.

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.279-326. (Coleção Ensino Superior).

BRONCKART, Jean-Paul. *Activité langagière, textes et discours* – pour un interactionisme socio-discursif. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1997.

_____. *Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha (Trad.). São Paulo: Educ, 1999.

BHATIA, Vijay K. *Analyzing genre: language use in professional settings*. New York: Longman, 1993.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. *Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

DOLZ, Joaquim; PASQUIER, Auguste; BRONCKART, Jean-Paul. L'acquisition des discours: emergence d'une compétence ou apprentissage de capacités langagières? ÈLA – Études de Linguistique Appliquée, n.92, 1993. p.23-37.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. *Genre et progression en expression orale et écrite: éléments de réflexion à propos d'une expérience romande*. Enjeux. n.37/38, mars/juin, 1996.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Pour un enseignement de l'oral. Initiation aux genres formels à l'école*. Paris: ESF ÉDITEUR, (Didactique du Français). p.27-46. 1998.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. Cartas comerciais em língua inglesa: uma abordagem lexical. *Intercâmbio*, vol.VIII: p.377-384. 1999.

MACHADO, Anna Rachel. Uma experiência de assessoria docente e a elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. *D.E.L.T.A.*, v.16, n.1, p.1-26. 2000.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p.19-36, 2002.

MARIA, Vilma Ortega. Contrastive Analysis of transmittal, Letters and Memoranda English and Spanish. *The ESP*, São Paulo, v.23, n.1, p.1-18. 2002.

PEREIRA, Juliana Sell do Vale; ALMEIDA, Marina Barbosa de. Sabe tudo sobre tudo: análise da seção de cartas-pergunta em revistas femininas para adolescentes. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. BAURU, SP: EDUSC, 2002. P.239-258.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In: _____. (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000. p.27-38.

SCHNEUWLY, Bernard. Genres et types de discours: considérations psychologiques et ontogénétiques. In: Colloque de l'université Charles-de-Gaulle III. Neuchâtel, 1994. *Anais...* Neuchâtel: Peter Lang, 1994. p.155-173.

CARTA DE PEDIDO DE CONSELHO

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*. n.11, p.5-16, Maio/Jun/Jul/Ago, 1999.

SOUTO MAIOR, Ana Christina. O gênero carta – variedade, uso e estrutura. *Ao pé da letra*, 3.2, p.1-13, 2001.

SWALES, J. *English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VYGOTSKY, Lev Semenovicth. *Pensamento e Linguagem*. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1934/1993. (Psicologia e Pedagogia)

Recebido: Setembro de 2003.

Aceito: Março de 2005.

Endereço para correspondência:

Vera Lúcia Lopes CRISTÓVÃO

Rua Catarina de Bora, 76,

86039-370 Londrina, PR.

cristova@uel.br

Adja Balbino de Amorim Barbieri DURÃO

barbieri@uel.br

Elvira Lopes NASCIMENTO

elopes@sercomtel.com.br